

1º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
FACULDADE DE LETRAS
12 - 18 OUTUBRO
1993



1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

ACTAS I

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1993

1.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. I

SUMÁRIO

- Bernat Martí Oliver**, Director do Servei d' Investigació Prehistòrica (Valência) (Pré-história)
- Fernando Molina Gonzalez**, Professor Catedrático da Universidade de Granada (Pré-história)
- Alfonso Moure Romanillo**, Professor Catedrático da Universidade de Santander (Pré-história)
- Mercedes Roca**, Professora Catedrática da Universidade Central de Barcelona (Arqueologia Clássica)
- Javier Sanchez Palencia**, Colaborador científico do Departamento de Arqueologia do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madrid) (Arqueologia Clássica)
- Manuel Santonja Gomez**, Director do Museu de Salamanca (Pré-história)
- José Manuel Vazquez Varela**, Professor Titular da Universidade de Santiago de Compostela (Pré-história)

Presidentes das Secções

- I – *Pré-história*: **Antonio Arribas Palau**, Professor Catedrático Emérito da Universidade de Granada
- II – *Pré- e Proto-história*: **Hermanfrid Schubart**, Director do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid
- III – *Arqueologia Romana*: **Jorge de Alarcão**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- IV – *Arqueologia Medieval e Pós-Medieval*: **Carlos Alberto F. Almeida**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- V (Sessão plenária dia 16-Manhã) – *Contribuições das ciências naturais e "exactas" à Arqueologia*: **Adília Moutinho Alarcão**, Directora do Museu Monográfico de Conímbriga
- VI (Sessão plenária dia 16-Tarde) – *Metodologia e teoria arqueológicas*: **Juan M. Vicent García**, Investigador do Departamento de Prehistoria do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madrid)
- VII – *Workshop sobre Datação pelo Radiocarbono*: **João M. Peixoto Cabral**, Director do Instituto José de Figueiredo (Lisboa)

<i>Preâmbulo</i>	9
<i>A estação mesolítica do Forno da Telha (Rio Maior),</i> por Ana Cristina Araújo	15
<i>Apendix — Mesolithic animal bones from Forno da Telha, Portugal,</i> por Peter Rowley-Conwy	45
<i>A análise dos vestígios de uso em quartzito,</i> por João Paulo Pereira ..	51
<i>Contribution a l'étude de l'art mégalithique peint iberique,</i> por Marc Devignes	69
<i>Megalitismo e tradição megalítica no Centro-Norte Litoral</i> <i>de Portugal: breve ponto da situação,</i> por Fernando A. Pereira da Silva	93
<i>Reutilizações e reaproveitamentos de materiais em sepulturas</i> <i>megalíticas do Nordeste Alentejano,</i> por Jorge Oliveira	131
<i>La secuencia cultural durante la prehistoria reciente en el sur</i> <i>de la Meseta Norte española,</i> por J. Francisco Fabián García ...	145
<i>O povoado do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de</i> <i>Foz Côa) no contexto da Pré-história Recente do Norte</i> <i>de Portugal,</i> por Susana Oliveira Jorge	179
<i>Anexo 1 — Castelo Velho — Análise antracológica (1º relatório),</i> por Isabel Figueiral	217
<i>Anexo 2 — Descrição resumida dos trabalhos de prospecção</i> <i>geofísica realizados em Castelo Velho,</i> por Abílio Cavalheiro e Jorge Carvalho	221
<i>Buraco da Pala (Mirandela): datas de Carbono 14 calibradas</i> <i>e seu poder de resolução. Algumas reflexões,</i> por Maria de Jesus Sanches, António M. Monge Soares e Fernán Alonso Mathias	223
<i>Las sociedades complejas del Calcolítico y Edad del Bronce</i> <i>en la Peninsula Iberica,</i> por Margarita Díaz-Andreu	245
<i>Instruments rotatifs dans l'orfèvrerie de l'Âge du Bronze de</i> <i>la Péninsule Ibérique. Nouvelles connaissances sur la</i> <i>technique des brecelets du type Villena/Estremoz,</i> por Barbara R. Armbruster	265

<i>El aprovechamiento del medio natural en la cultura castreña del Noroeste peninsular</i> , por Carlos M. Rodríguez López, Carlos Fernandez Rodriguez e Pablo Ramil Rego	285
<i>Sondeo estratigrafico en Basti (Baza, Granada)</i> , por N. Marin Diaz, J. M. Gener Basallote e M. A. Perez Cruz ..	307
<i>Arqueologia e epigrafia – uma complementaridade a potenciar</i> , por José d'Encarnação	313
<i>El estudio y valoración de las técnicas constructivas romanas en la Península Ibérica. Analisis historiográfico</i> , por Lourdes Roldán Gómez	329
<i>Una nueva produccion de lucernas en la Peninsula Iberica: el taller militar de Herrera de Pisuerga (Palencia, España)</i> , por Angel Morillo Cerdan	351
<i>Arqueologia romana de Gijon (Asturias): balance de una decada de excavaciones</i> , por Carmen Fernandez Ochoa	365
<i>Las imitaciones locales o regionales de sigillatas grises galicas tardias halladas en las termas romanas de Gijon (Asturias)</i> , por Alexandra Uscatescu, Carmen Fernandez Ochoa e Paloma Garcia Diaz	381
<i>La Colegiata de San Pedro de Teverga (Asturias). Hipotesis sobre su morfologia altomedieval</i> , por Raquel Alonso Alvarez	397
<i>Arqueologia medieval en Galicia: balance y perspectivas a partir de experiencias recientes</i> , por Jorge Lopez Quiroga y Mónica Rodriguez Lovelle	411
<i>Antropologia de duas necrópoles medievais do Norte de Portugal: Fão e Chafé, um exemplo de duas escavações «antagónicas»</i> , por Eugénia Cunha, Ana Maria Silva, Teresa Araújo, Carmo Marrafa e Ana Luísa Santos	431
<i>Edafologia y Palinologia: aplicacion al estudio de yacimientos al aire libre en Galicia</i> , por Antonio Martinez Cortizas, Pablo Ramil Rego e César Llana Rodriguez	449
<i>Estudio de fitolitos en dientes como indicadores de patrones de dieta y su aplicación en arqueología</i> , por Jordi Juan, Carles Lalueza e Jordi Nadal	471
<i>Calibrado de las fechas convencionales de Carbono-14</i> , por Cecilio González-Gómez	487

PREÂMBULO

O QUE É QUE ESTE CONGRESSO TEM DE NOVO? Resposta breve em sete pontos

Reportando o leitor destas Actas para as várias circulares emitidas antes do Congresso e para o seu Livro-Guia, já editado, sintetizarei aqui apenas, de forma esquemática, aquilo que, do ponto de vista do coordenador editorial, este Congresso pretende ter de específico. O que o distingue de tantas outras realizações anteriores, locais, regionais, ou nacionais.

1. Este congresso foi longamente planificado

Tendo a ideia ocorrido em finais de 1990, começou a ser trabalhada em inícios de 1991, sobretudo através de uma primeira entrevista com colegas de Madrid, nesta cidade. Os grandes objectivos foram fixados numa circular que se principiou a difundir em Portugal e Espanha ainda nesse ano.

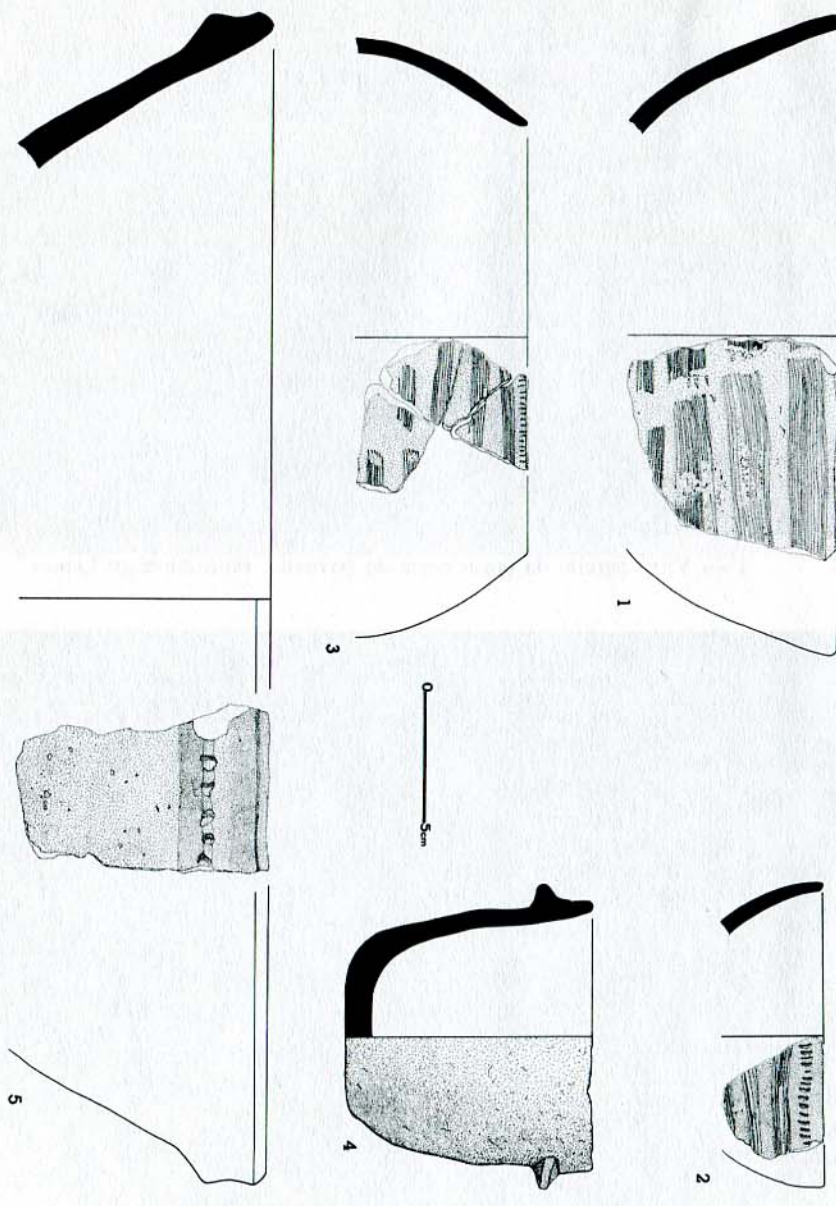
Partiu-se de um princípio óbvio: uma realização desta natureza e amplitude tem de ter um tempo de maturação, a mensagem tem de chegar aos destinatários contando com um período de inércia. Sobretudo em países como os nossos em que se está habituado a improvisar, o que, tendo méritos, é, sob outros pontos de vista, marca de um certo, permita-se-me a expressão intencionalmente forte, “sub-desenvolvimento” organizativo, que nos interessa sobremaneira ultrapassar.

Planificar não significa ser rígido: pretende apenas corresponder ao traçar de um projecto que terá de ser vivo, em reestruturação permanente, e capaz de acolher até ao fim as ideias úteis, mas viáveis, evitando a anarquia e o atropelo de última hora. A indisciplina é que cria o favoritismo, a não hierarquização de prioridades, o gasto inútil de tempo e de dinheiro, a perda de qualidade.

Um plano, portanto, só interessa temporariamente, como esquema, ou modelo, orientador. O que é importante é toda a interacção (de pessoas, de ideias, de projectos) que se gerou ou vier a gerar antes, durante e após este Congresso.

Assim como se iniciou em 1991, o processo só estará terminado muito depois do evento propriamente dito, em 1995, quando se publicar o 6º e último

Recipientes cerâmicos provenientes do povoado de Castelo Velho: Calcolítico (1 a 4); I. Bronze (5).
Desenhos de Maria Felismina Vilas Boas.



ANEXO 1

CASTELO VELHO — Análise antracológica (1º relatório)

por

Isabel Figueiral*

INTRODUÇÃO

O estudo dos carvões de origem vegetal provenientes do povoado pré-histórico de Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa) encontra-se ainda na sua fase preliminar. A elaboração deste 1º relatório tem dois objectivos fundamentais:

- dar a conhecer os resultados obtidos até ao momento;
- alertar para os problemas levantados por este povoado no que diz respeito directamente à Antracologia.

Nesta primeira fase de trabalho foram analisados os carvões provenientes de 13 amostras, num total de 663 fragmentos. As amostras foram recolhidas em duas das camadas arqueológicas distinguidas nesta estação:

• Camada 3 (Calcolítico)

Localização	Nº fragmentos
— B'3 / B'4 (lareira)	112
— B'6	5
— C3	3
— D'3 (lareira)	44
— F6	9
— H'6	31

• Camada 2 (Idade do Bronze)

Localização	Nº fragmentos
— B'6	12
— C10 (concentração)	150
— D10 (concentração)	149
— F7	12
— H6 (bolsa junto à c. 3)	34
— L'5 (concentrado entre pedras)	72
— M'6 (buraco de poste)	30

* * Colaboradora da Universidade de Montpellier (França)

O povoado é, no seu conjunto, extremamente pobre em restos antracológicos (isto se tivermos em conta a sua extensão e volume de sedimentos). Será de referir, no entanto, que as duas camadas em questão apresentam, neste aspecto, características distintas. Com efeito, a camada 3, muito argilosa, é particularmente pobre em restos carbonizados. Os carvões, raros, aparecem isolados e profundamente impregnados na argila. A sua recolha manual resultava na fragmentação em inúmeros pequenos pedaços do que originalmente era apenas um fragmento. Por este motivo uma parte dos dados quantitativos que apresentaremos em relação a esta camada não são significativos.

A camada 2, embora pobre em restos carbonizados no seu conjunto, apresenta ocasionalmente algumas concentrações de carvão importantes sendo a mais significativa a que abrangia os quadros C10 e D10.

As dimensões reduzidas de muitos dos fragmentos analisados dificultou a precisão da identificação, tal como poderá ser observado mais tarde na lista taxonómica obtida, no conjunto das duas camadas.

RESULTADOS / COMENTÁRIO

Os resultados quantitativos (e qualitativos, quando adequado) obtidos, por amostra/camada, são apresentados nos quadros em anexo. O seu comentário será aqui feito em conjunto, sendo dada particular atenção aos dados obtidos na camada 2, uma vez que eles são os mais significativos (abundância de carvões resulta sobretudo de uma cuidadosa peneiração a seco dos sedimentos).

Os taxa distinguidos, no conjunto das duas camadas, são (por ordem alfabética):

— *Arbutus unedo* (Medronheiro), *Cistaceae*, *Clematis vitalba* (Vide-branca), *Daphne gnidium* (Trovisco), *Erica arborea* (Urze branca), cf. *Ericaceae*, *Leguminosae* indeterminada (Leguminosas), Legum. tipo *Cytisus* (Leguminosa tipo Giesta), *Monocotyledonea*, *Quercus* de folha caduca (Carvalho), *Quercus* tipo *ilex* (Azinheira e/ou Sobreiro), *Quercus suber* (Sobreiro), *Quercus* sp., *Rosaceae* *Pomoidea* (Rosácea).

Desta lista florística ressalta o carácter marcadamente mediterrâneo dos taxa distinguidos, como aliás seria de esperar nesta região do Alto Douro. Com efeito, e tal como afirmava Lautensach «O Alto Douro é, sob o ponto de vista climático e fitogeográfico, uma parte interior do sul de Portugal que foi transportada para o norte. ...» (citado por Rozeira 1944).

Dos resultados obtidos parece ser de destacar sobretudo:

- dados qualitativos similares entre as duas camadas;
- a importância relativa dos taxa *Quercus* tipo *ilex* e *Cistaceae* na camada 3.
- a representatividade do taxon *Arbutus unedo* na camada 2.

Dois espécies distintas do mesmo género — *Quercus ilex* e *Quercus suber* — poderão estar representadas sob a designação *Quercus* tipo *ilex*. Na realidade, é extremamente difícil distinguir estas duas espécies baseando-se apenas nas características anatómicas da madeira, sobretudo se nos encontramos perante fragmentos provenientes de árvores que não tinham atingido ainda a sua maturidade.

Nalgumas das amostras analisadas foi possível distinguir, sem sombra para dúvidas, a presença do Sobreiro, sendo então utilizada apenas a designação *Quercus suber*.

A presença da Azinheira (*Quercus ilex*) é igualmente incontestável. No nosso caso tratar-se-á provavelmente da sub-espécie *Quercus rotundifolia*.

Estes dois *Quercus* de folhas persistentes, espontâneos em Portugal, apresentam geralmente um pequeno porte (menos de 20 m. de altura), ocorrendo em povoamentos pouco densos que recebem o nome de montados (montados de sobre / montados de azinho). Os povoamentos mistos (Azinheira + Sobreiro) são igualmente frequentes.

Ambas as espécies possuem exigências ecológicas que se coadunam com as características desta região: tanto a Azinheira como o Sobreiro necessitam de um clima com grande luminosidade. A Azinheira suporta bem os verões secos, desenvolvendo-se frequentemente em regiões de pouca

pluviosidade. O Sobreiro prefere os climas mais suaves com uma humidade atmosférica relativamente elevada.

A presença do Medronheiro (*Arbutus unedo*) estará seguramente associada às duas espécies anteriores. Com efeito, o Medronheiro desenvolve-se geralmente em associação com a Azinheira e Sobreiro, aproveitando-se frequentemente da destruição do montado para estender a sua área de implantação.

Nos restos carbonizados concentrados nos quadros C10 e D10, onde a ocorrência dos carvões pertencentes ao Medronheiro é particularmente importante, foram igualmente assinalados vários fragmentos de medronhos (alguns completos). A utilização do medronheiro poderia ter assim um carácter duplo:

— a madeira desta espécie é um bom combustível, podendo-se igualmente produzir carvão de boa qualidade a partir das suas raízes (Fabião 1987);

— os frutos poderiam ser consumidos (actualmente são utilizados no fabrico de aguardente de medronho).

Como já atrás foi referido o Medronheiro aproveita-se da destruição dos montados (acção humana) para estender a área dos seus povoamentos. O mesmo acontece com outras espécies colonizadoras de terrenos deixados ao abandono: é o caso da Urze, do Trovisco, das Leguminosas (Giestas, Codeços...) e das Cistáceas. Sob esta última designação estarão englobadas as diferentes espécies de estevas, que invadem actualmente vastas áreas desta região.

Poderemos estabelecer um paralelo entre a lista florística obtida em Castelo Velho e os levantamentos vegetais actuais da região Duriense. Com efeito, os elementos vegetais assinalados na análise antracológica fazem parte actualmente da Comunidade vegetal 2 assinalada por F. Rego (1983) para esta zona do país, na qual incluiria igualmente o Carvalho (identificado apenas na camada 3). No caso de, em análises futuras, aparecer um número significativo de fragmentos ligados a este taxon poder-se-á tentar estabelecer qual a espécie em questão: se *Quercus faginea* (Carvalho português) se *Quercus pyrenaica* (Carvalho negral).

Os resultados apresentados aqui precisarão de ser completados e confirmados por análises posteriores. Afigura-se-nos fundamental dar continuidade à recolha de amostras (peneiração e/ou flutuação) durante as próximas campanhas de escavação, quer nas camadas 2 e 3, quer noutras camadas arqueológicas que venham a ser distinguidas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- FABIÃO, A. M. D.; *Árvores e florestas*, col. Euroagro, publ. Europa-América, 1987.
 REGO, F.; A study on Douro vegetation, *Ecologia Mediterranea*, tomo IX (fasc. 2), 1983.
 ROZEIRA, A.; A flora da província de Trás-os-Montes e Alto Douro (estudo de distribuição geográfica). *Trab. Inst. Bot. Gonçalo Sampaio*, 1944.

Camada 3								
Taxa	Quadrados	B'3 / B'4		B'6	C'3	D'3	F6	H'6
		nº	%	nº	nº	nº	nº	nº
Arbutus unedo		1	0.9		1		3	10
Cistaceae		17	15.2			27		
Daphne gnidium				4				
Leguminosae indet.		5	4.5				3	5
Quercus folha caduca					1			
Quercus tipo ilex		81	72.3			8		10
Quercus suber								1
Quercus sp.					1			
Rosaceae Pomoidea								3
Indetermináveis		8	7.1	1		9	3	2
Total		112	100%	5	3	44	9	31

Camada 2									
Quadrados	B'6	F7	H'6	L'5	M'6		C10	D10	C10 + D10
Taxa	nº	nº	nº	nº	nº		nº	nº	nº %
Arbutus unedo				68			102	102	204 68.2
Cistaceae		7							
Clematis vitalba								3	3 1
Daphne gnidium							1		1 0.3
Erica arborea					30				
cf. Ericaceae								1	1 0.3
Leguminosae indet.	5	3		2			32	30	62 20.7
Legum. tipo Cytisus							4	3	7 2.3
Monocotiledonea							1	1	2 0.7
Quercus tipo ilex	1						2	7	9 3
Quercus suber			31						
Rosaceae Pomoidea			3				4		4 1.3
Indetermináveis	6	2		2			4	2	6 2
Total	12	12	34	72	30		150	149	299 100%

ANEXO 2

DESCRIÇÃO RESUMIDA DOS TRABALHOS DE PROSPECÇÃO GEOFÍSICA REALIZADOS EM CASTELO VELHO¹

por

Abílio Cavalheiro* e Jorge Carvalho**

Na estação arqueológica de Castelo Velho (Freixo de Numão — Douro Sul), foram realizadas, em Julho de 1991 e Junho de 1992, duas campanhas de prospecção geofísica, da responsabilidade do Dep. Minas da FEUP.

Foi aplicado o método da resistividade eléctrica e escolhido o dispositivo tipo Wenner com um espaçamento inter-electrónico de 1 m., igual ao passo de amostragem.

As leituras da resistividade aparente a, b e g do terreno, foram obtidas ao longo de perfis isolados, ou dispostos segundo uma malha rectangular, com um espaçamento entre perfis de 1 m. e 2 m.

Foi utilizado equipamento da Rede Integrada de Prospecção e Teledetecção, obtido no âmbito do Programa Ciência.

Este método de prospecção geofísica, aplicado à arqueologia, permite obter informação — nomeadamente em zonas do terreno nas quais não existem evidências superficiais de estruturas arqueológicas — susceptíveis de orientar o início e/ou o prosseguimento das escavações.

O local prospectado enquadra-se, sob uma perspectiva geológica, no designado Complexo Xisto-Grauváquico/Grupo do Douro.

Os materiais de construção foram retirados daquelas formações geológicas, tendo a camada de alteração muito pouca espessura ou sendo mesmo inexistente. Assim, o contraste resistivo é muito ténue, pelo que a interpretação dos resultados é particularmente delicada.

O sinal foi tratado no domínio espectral, tendo sido aplicada a análise de Fourier, consistindo, basicamente, na filtragem das baixas e altas frequências com a utilização de filtros desenvolvidos no Dep. Minas.

A intenção foi tentar filtrar a componente regional e o «ruído», de forma a, tanto quanto possível, evidenciar as eventuais anomalias significativas do sinal.

A interpretação preliminar dos resultados permitiu, desde já, a delimitação de algumas zonas potencialmente interessantes para o prosseguimento das escavações.

¹ No âmbito do acordo de colaboração entre o Dep. de Minas da FEUP e a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

* Professor Associado da FEUP (Dep. de Minas).

** Assistente da FEUP (Dep. de Minas).